



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2018: SIC - XXX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2018
<b>Local</b>	Campus do Vale - UFRGS
<b>Título</b>	O significado da nova estratégia de desenvolvimento chinesa para a economia brasileira
<b>Autor</b>	LUIZ MARCELO MICHELON ZARDO
<b>Orientador</b>	ANDRE MOREIRA CUNHA

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Aluno: Luiz Marcelo Michelon Zardo  
Orientador: Dr. André Moreira Cunha

## **O significado da nova estratégia de desenvolvimento chinesa para a economia brasileira**

A literatura, notavelmente desde o início do novo século, tem identificado como o crescimento dos fluxos comerciais do Brasil com a China, ao mesmo tempo que implica uma convergência entre os ciclos econômicos brasileiro e chinês, acarreta uma reprimarização da economia brasileira e suscita a manifestação da "doença holandesa". Isso se dá através das necessidades energéticas e de recursos materiais demandadas pelo gigante asiático e da inserção de seus produtos industriais altamente competitivos no mundo emergente, afetando o desempenho exportador de indústrias razoavelmente desenvolvidas, como a brasileira e a mexicana.

Contudo, cabe também reconhecer que novas tendências se apresentaram após o advento da crise de 2008. Diante de uma desaceleração da economia mundial e lembrando-se da importância das exportações e dos fluxos de IED para a economia chinesa, a potência oriental teve de estabelecer metas menos ambiciosas de crescimento, que foram expostas no mais recente Plano Quinquenal (2016-2020). No escopo da busca de um crescimento mais magro, mas sustentável, estabeleceu-se um protagonismo maior ao mercado interno na estratégia de desenvolvimento, política que, evidentemente, demanda esforços graduais cuja materialização ainda não pode ser percebida de forma cristalina no curto prazo. Enquanto isso, o canal exportador continua sendo primordial para a economia chinesa, e, se nos primeiros anos seguintes à crise se imaginou que a América Latina, notavelmente o Brasil, poderia atrair maior atenção chinesa diante da fragilidade das maduras economias da OCDE, a falta de dinamismo das principais economias do subcontinente nos últimos dois triênios enfraquece esse apontamento. Pelo contrário, pode-se vislumbrar uma aproximação cada vez maior da China com as economias do Sudeste Asiático, que têm apresentado um crescimento pujante e são concorrentes da América Latina na exportação de recursos primários a Pequim. Esse cenário é, ainda, impulsionado, pela maturação da zona de livre comércio ASEAN-China e pela oportunidade que o comércio regional representa ao aumento de importância do yuan como moeda do comércio internacional. Da mesma forma, a progressiva integração financeira entre as economias, incrementada de forma significativa desde a Iniciativa Chiang Mai, sugere o redirecionamento dos IEDs para esta região.

Nessa perspectiva, esta pesquisa tem o objetivo de analisar de que forma a resposta da estratégia de desenvolvimento chinesa à crise de 2008 gera efeitos sobre a economia brasileira. A metodologia utilizada envolve a revisão de bibliografia sobre o tema e a análise de dados relativos aos fluxos comerciais e financeiros da China com Brasil e com os países da ASEAN. Os resultados preliminares indicam efetivamente um foco maior do gigante asiático em seus vizinhos ao sudeste, em detrimento das relações sino-brasileiras. Evidencia-se, pois, uma tendência de dessincronização entre os ciclos econômicos da China e do Brasil, com implicações ambíguas do ponto de vista normativo em face da existência de abordagens mais otimistas e outras mais pessimistas quanto à convergência cíclica entre os dois países.